

Hugo von Hofmannsthal (1874-1929): uma breve apresentação

Por André Carone*

Nascido no Império Austro-Húngaro em 1874, o poeta e dramaturgo Hugo von Hofmannsthal pertencia a uma família de industriais que perderam suas posses durante a crise de 1873; seu pai convertera-se ainda jovem ao catolicismo, a despeito da ascendência judia. Esses dois eventos da história familiar marcaram a vida do poeta, um alvo do antissemitismo que era visto como um aristocrata de família rica.

Ele publica seus primeiros poemas sob o pseudônimo Loris, enquanto ainda está no colégio. Cursa em seguida a Faculdade de Direito e passa a viver de seu trabalho como escritor. Entre as suas produções literárias e teatrais figuram as peças *A morte de Ticiano* (1892), *O imperador e a bruxa* (1897), *As minas de Falun* (1899), *Édipo e a esfinge* (1903); a novela *A mulher sem sombra* (1919) e os libretos de ópera – todas elas em parceria com Richard Strauss – *Elettra* (1908), *O cavaleiro das rosas* (1909), *A lenda de José* (1912), *Arabella* (1927), entre outras.

No dia 15 de julho de 1929 o poeta sofreu uma parada cardíaca antes do sepultamento de seu filho Franz, que cometera suicídio dois dias antes, aos vinte e seis anos de idade. Na lápide de Hofmannsthal estão inscritos os versos finais de seu poema *Existem aqueles (Manche freilich)*: “Minha parte nessa vida é maior do que a baixa chama ou a estreita lira”.

Os sete poemas aqui apresentados foram extraídos da antologia *Poemas alemães (Deutsche Gedichte)* de Echtermeyer, atualizada por Elisabeth K. Paefgen e Peter Geist¹.

A tradução do conto *Os caminhos e os encontros (Die Wege und die Begegnungen)* foi realizada a partir da edição de 1913, modificada pelo autor².

* Professor de Filosofia na UNIFESP

¹ Echtermeyer. *Deutsche Gedichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart* (Herausgegeben von Elisabeth K. Paefgen und Peter Geist). Berlin: Cornelsen: 2018, p. 486-492.

² A versão original de 1907 e a versão modificada de 1913 são reproduzidas pelo volume utilizado nesta tradução: Hofmannsthal, Hugo v.: *Erzählungen (mit einem Nachwort von Ursula Renner)*. Reclam: Stuttgart: 2000. p. 196-205.

Início de primavera (1892)

O vento da primavera
Corta o caminho vazio,
Tanta coisa ele encerra
No seu assovio.

Ele atravessou
Onde se havia chorado
E se emaranhou
No cabelo desalinhado.

Levou ao chão
As acácias em botão,
Fez o corpo esfriar
Dos calores sem ar.

Roçou no
Lábio que ria,
Tocou na
Terra macia.

Deslizou em uma flauta
Como um grito insistente,
Sua trilha mais alta
Seguiu rumo ao poente.

Fez seu voo discreto
Pelo cômodo em sussurro,
E a luz ali perto
Voltou ao escuro.

O vento da primavera
Corta o caminho vazio,
Tanta coisa ele encerra

No seu assovio.

Na via plana

Dos caminhos vazios

O assovio chama

Vultos sombrios.

E carrega o leve

Fragor da morada

Em que esteve

Na noite passada.

Vorfrühling

Es läuft der Frühlingswind
Durch kahle Alleen,
Seltsame Dinge sind
In seinem Wehn.

Er hat sich gewiegt,
Wo Weinen war,
Und hat sich geschmiegt
In zerrüttetes Haar.

Er schüttelte nieder
Akazienblüten
Und kühlte die Glieder,
Die atmend glühten.
Lippen im Lachen
Hat er berührt,
Die weichen und wachen
Fluren durchspürt.

Er glitt durch die Flöte
Als schluchzender Schrei,
An dämmernder Röte
Flog er vorbei.

Er flog mit Schweigen
Durch flüsternde Zimmer
Und löschte im Neigen
Der Ampel Schimmer.

Es läuft der Frühlingswind
Durch kahle Alleen,
Seltsame Dinge sind
In seinem Wehn.

Durch die glatten
Kahlen Alleen
Treibt sein Wehn
Blasse Schatten.

Und den Duft,
Den er gebracht,
Von wo er gekommen
Seit gestern Nacht.

Tercetos (1895/1896)

I. Da transitoriedade

Sinto seu sopro correndo na face:
Como foi acontecer que esse dia,
De uma vez e para sempre, se acabasse?

Uma coisa que não se reconhece,
Mais cruel do que se diria:
Que tudo dissipa e desaparece.

Que esse Eu que sou, deslizando veloz,
Transportou-se da criança pura
Para um cão desconhecido e sem voz.

Mais ainda: que há um século eu existo
E meus parentes em sepultura
Estão próximos como a pele que habito.

Unidos a mim como a pele que habito.

II.

As horas! em que admiramos a cor
Do mar azul e compreendemos a morte,
Leves, graciosos e sem temor

Como meninas de tez clara forte
E grandes olhos glaciais
Que contemplam dóceis o norte

E sabem à noite que a vida se faz
Escoar de sua pele extenuada
Em planta e relva, e pintam-se em paz

Como uma Santa dessanagrada.

III.

O sonhar guarda nossa substância primeira
que invade os olhos com a clareza
de crianças sob a coroa da cerejeira

E da lua cheia que move a pureza
na noite de círculo preciso
...vemos nos sonhos essa natureza:

são vivos como a criança e o seu riso
que ascende, declina e permeia
como lua cheia ou coroa em um tronco liso.

Dentro deles habita essa teia:
como mãos do espírito numa caixa escura
estão sempre pulsando na nossa veia.

E os três são um: o sonho, a coisa, a criatura.

Terzinen

I. Über Vergänglichkeit

Noch spür ich ihren Atem auf den Wangen:
Wie kann das sein, daß diese nahen Tage
Fort sind, für immer fort, und ganz vergangen?

Dies ist ein Ding, das keiner voll aussinnt,
Und viel zu grauenvoll, als daß man klage:
Daß alles gleitet und vorüberrinnt.

Und daß mein eignes Ich, durch nichts gehemmt,
Herüberglitt aus einem kleinen Kind
Mir wie ein Hund unheimlich stumm und fremd.

Dann: daß ich auch vor hundert Jahren war
Und meine Ahnen, die im Totenhemd,
Mit mir verwandt sind wie mein eignes Haar,

So eins mit mir als wie mein eignes Haar.

II.

Die Stunden! wo wir auf das helle Blauen
Des Meeres starren und den Tod verstehn,
So leicht und feierlich und ohne Grauen,

Wie kleine Mädchen, die sehr blass aussehn,
Mit grossen Augen, und die immer frieren,
An einem Abend stumm vor sich hinsehn

Und wissen, dass das Leben jetzt aus ihren
Schlaftrunken Gliedern still hinüberfließt
In Bäum' und Gras, und sich matt lächelnd zieren

Wie eine Heilige, die ihr Blut vergießt.

III.

Wir sind aus solchem Zeug, wie das zu Träumen,
Und Träume schlagen so die Augen auf
Wie kleine Kinder unter Kirschenbäumen,

Aus deren Krone den blaßgoldnen Lauf
Der Vollmond anhebt durch die große Nacht.
... Nicht anders tauchen unsre Träume auf,

Sind da und leben wie ein Kind, das lacht,
Nicht minder groß im Auf- und Niederschweben
Als Vollmond, aus Baumkronen aufgewacht.

Das Innerste ist offen ihrem Weben;
Wie Geisterhände in versperrtem Raum
Sind sie in uns und haben immer Leben.

Und drei sind Eins: ein Mensch, ein Ding, ein Traum.

Segredo do mundo (1896)

Bem sabe o poço escuro:
No escuro silêncio viviam
E todos eles saiam.

Como um sortilégio, suspirado
E incompreendido no seu fundo
Pelas bocas cruza agora o mundo.

Bem sabe o poço escuro:
Um homem reclinado o captura,
Prende-o e já não o segura.

E cantava em delírio uma canção –
Outrora uma criança se debruçava
Neste espelho negro e se afastava.

Ela nada sabe de si, cresce
E torna-se uma mulher para amar
- e quanto tem o amor para dar!

É tão fundo o que tem o amor para dar!
O beijo dela traz um sinal opaco
Das coisas reduzidas a um traço.

Depende de nossas palavras:
As pedras sob os pés do viajante,
A alcova de um diamante.

Bem sabe o poço escuro:
E bem sabiam todos naquela hora
O que o sonho, em seu círculo, revigora.

Weltgeheimnis

Der tiefe Brunnen weiß es wohl,
Einst waren alle tief und stumm,
Und alle wußten drum.

Wie Zauberworte, nachgelallt
Und nicht begriffen in den Grund,
So geht es jetzt von Mund zu Mund.

Der tiefe Brunnen weiß es wohl;
In den gebückt, begriffs ein Mann,
Begriff es und verlor es dann.

Und redet' irr und sang ein Lied –
Auf dessen dunklen Spiegel bückt
Sich einst ein Kind und wird entrückt.

Und wächst und weiß nichts von sich selbst
Und wird ein Weib, das einer liebt
Und – wunderbar wie Liebe gibt!

Wie Liebe tiefe Kunde gibt! –
Da wird an Dinge, dumpf gehant,
In ihren Küssen tief gemahnt...

In unsern Worten liegt es drin,
So tritt des Bettlers Fuß den Kies,
Der eines Edelsteins Verlies.

Der tiefe Brunnen weiß es wohl,
Einst aber wußten alle drum,
Nun zuckt im Kreis ein Traum herum.

Balada da vida exterior (1896)

E nas crianças cresce o olhar fundo
Que nada sabe, cresce para morrer,
E os homens seguem pelo mundo.

E a fruta amarga que ganhou sabor
Queda no escuro como pássaro que desfalece
E repousa no dia até perder sua cor.

E outro vento sopra e desvanece,
E continuamos a ouvir e a falar,
E sentimos prazer e fadiga no corpo que fenece.

E ruas cortam os gramados, e um lugar
Surge aqui ou ali com archotes, lagos, recantos
Soturnos, desertos mortos e sem ar...

São construídos para quê? E quantos
um dia foram iguais? Pode-se contar?
O que move os risos, os assombros, os prantos?

De que nos serve esse brincar
De sermos grandiosos e sós,
Errantes que não buscam o seu findar?

De que serve tudo o que se viu?
E quem falasse "noite" muito diria,
Uma palavra que escorre melancolia
Como o mel espesso de um favo vazio.

Ballade des äußeren Lebens

Und Kinder wachsen auf mit tiefen Augen,
die von nichts wissen, wachsen auf und sterben,
und alle Menschen gehen ihre Wege.

Und süße Früchte werden aus den herben
und fallen nachts wie tote Vögel nieder
und liegen wenig Tage und verderben.

Und immer weht der Wind, und immer wieder
vernehmen wir und reden viele Worte
und spüren Lust und Müdigkeit der Glieder.

Und Straßen laufen durch das Gras, und Orte
sind da und dort, voll Fackeln, Bäumen, Teichen,
und drohende, und totenhaft verdorrte...

Wozu sind diese aufgebaut? Und gleichen
einander nie? Und sind unzählig viele?
Was wechselt Lachen, Weinen und Erbleichen?

Was frommt das alles uns und diese Spiele,
die wir doch groß und ewig einsam sind
und wandernd nimmer suchen irgend Ziele?

Was frommt's, dergleichen viel gesehen haben?
Und dennoch sagt der viel, der „Abend“ sagt,
ein Wort, daraus Tiefsinn und Trauer rinnt
wie schwerer Honig aus den hohlen Waben.

Existem aqueles (1896)

Existem aqueles que precisam morrer,
lá embaixo onde o duro remo do barco toca.
Outros vivem junto ao leme bem no alto,
vendo o voo das aves e as trilhas das estrelas.

Aqueles arrastam o peso dos corpos
Pelo chão da vida emaranhada.
Outros sempre encontram um assento
Com as sibilas, as rainhas,
Como se estivessem em casa,
E andam leves com as mãos leves.

Mas uma sombra dessas vidas
Cai sobre aquelas outras vidas
E a leveza de uma e a dureza de outra
Estão unidas como o ar e a terra:

Minhas pálpebras não podem apagar
A labuta esquecida de povos inteiros,
Nem afastar da alma estarecida
A queda silente de estrelas distantes.

São tantos destinos tecidos com o meu,
Embaralhando toda a existência,
E minha parte nessa vida é maior
Do que a baixa chama ou a estreita lira.

Manche freilich

Manche freilich müssen drunten sterben,
Wo die schweren Ruder der Schiffe streifen,
Andre wohnen bei dem Steuer droben,
Kennen Vogelflug und die Länder der Sterne.

Manche liegen immer mit schweren Gliedern
Bei den Wurzeln des verworrenen Lebens,
Andern sind die Stühle gerichtet
Bei den Sibyllen, den Königinnen,
Und da sitzen sie wie zu Hause,
Leichten Hauptes und leichter Hände.

Doch ein Schatten fällt von jenen Leben
In die anderen Leben hinüber,
Und die leichten sind an die schweren
Wie an Luft und Erde gebunden:

Ganz vergessener Völker Müdigkeiten
Kann ich nicht abtun von meinen Lidern,
Noch weghalten von der erschrockenen Seele
Stummes Niederfallen ferner Sterne.

Viele Geschicke weben neben dem meinen,
Durcheinander spielt sie alle das Dasein,
Und mein Teil ist mehr als dieses Lebens
Schlanke Flamme oder schmale Leier.

Dois (1896)

Ela trazia uma taça na mão
- As bordas lembravam sua feição -,
Tão leve e segura ela seguia,
Nenhuma gota da taça escorria.

Era tão leve e firme a mão dele:
Montava um cavalo aprumado,
E com um gesto desinteressado
Dominava o tremor de sua pele.

Mas quando ele tentou tocar
Na leve taça com a sua mão
Sentiram os dois um espanto:

Pois os dois tremiam tanto
Que as mãos ficaram no ar
E o vinho correu pelo chão.

Die beiden

Sie trug den Becher in der Hand
- Ihr Kinn und Mund glich seinem Rand -,
So leicht und sicher war ihr Gang,
Kein Tropfen aus dem Becher sprang.

So leicht und fest war seine Hand:
Er ritt auf einem jungen Pferde,
Und mit nachlässiger Gebärde
Erzwang er, daß es zitternd stand.

Jedoch, wenn er aus ihrer Hand
Den leichten Becher nehmen sollte,
So war es beiden allzu schwer:

Denn beide bebten sie so sehr,
Daß keine Hand die andre fand
Und dunkler Wein am Boden rollte.

O teu semblante estava pleno de sonhos (1896)

O teu semblante estava pleno de sonhos.
Eu te olhava mudo e quieto a tremer.
Mas de onde vinha? Em noites passadas
Entreguei todo o meu ser

À lua e ao vale tão adorado
Onde árvores esqueléticas pendiam
Nas encostas nuas em meio
À neblina frágil e passageira

E no silêncio, cortava de permeio
O murmúrio tão estranho das águas
Prateadas do rio - Mas de onde vinha?

De onde vinha? Pois entreguei
Meus anseios ao que era tão belo
- e sem proveito - com todo amor,
Como a imagem dos teus cabelos
E as tuas pálpebras de tanto fulgor!

Dein Antlitz war mit Träumen ganz beladen

Dein Antlitz war mit Träumen ganz beladen.
Ich schwieg und sah dich an mit stummem Beben.
Wie stieg das auf! Daß ich mich einmal schon
In frühern Nächten völlig hingeeben
Dem Mond und dem zuviel geliebten Tal,
Wo auf den leeren Hängen auseinander
Die magern Bäume standen und dazwischen
Die niedern kleinen Nebelwolken gingen,
Und durch die Stille hin die immer frischen
Und immer fremden silberweißen Wasser
Der Fluß hinrauschen ließ, wie stieg das auf!
Wie stieg das auf! Denn allen diesen Dingen
Und ihrer Schönheit, die unfruchtbar war,
Hingab ich mich in großer Sehnsucht ganz,
Wie jetzt für das Anschauen von deinem Haar
Und zwischen deinen Lidern diesen Glanz!

Os caminhos e os encontros

Hugo von Hofmannsthal

Tradução de André Carone

O voo dos pássaros é maravilhoso nesses dias radiantes e eu compreendo perfeitamente que escrevesse certa vez estas linhas: lembro-me das palavras de Agur, filho de Jaké, e das coisas que ele declara as mais incompreensíveis e maravilhosas: a trilha do pássaro no ar e a trilha do homem na mata¹. Essas linhas, escritas a lápis numa margem, aparecem dentro de um caderno de viagem e eu as encontrei enquanto pesquisava se havia uma estrada, depois que se chega a Urbino saindo do litoral, que levasse a Assisi de carro pela montanha ou pelas margens do lago Trasimeno. Nessas linhas eu vejo a minha caligrafia, tremida talvez pelo carro, talvez pelo trem; e por mais que eu pense, não sei de onde vieram. Supostamente de um livro francês antigo. Mas será que li naquela ocasião livros tão estranhos e singulares na Umbria? Não faço ideia. Quem é Agur? E quem é esse que fala e lembra de Agur? E no entanto eu escrevi isso e tudo o mais é indistinto, só isso se destaca. E em alguma parte dentro de mim, nas coisas que vivi antes dos três anos de idade e das quais as lembranças de vigília jamais tomaram conhecimento, nos segredos de meus sonhos mais obscuros, nos pensamentos que pensei escondido de mim mesmo, ali habita esse Agur – e talvez um dia ele possa emergir como um morto de uma concavidade, um assassino de um alçapão, e o seu ressurgimento será incomum, e no entanto será menos incomum do que a descida da jovem andorinha que regressou, cruzando o ar e a porta entreaberta até o antigo ninho, irrompendo como um raio escuro. E veio no minuto seguinte como um segundo raio escuro, do zênite do éter, no encaixo da primeira, a andorinha fêmea, irmã mais nova e agora cônjuge. Pois são irmãos, chocados no verão passado nesse ninho atrás da porta de casa. Como sabiam o caminho enquanto desciam pela vastidão do céu? Como reconheceram entre os solos esse solo, entre os vales esse pequeno vale, entre as casas essa casa? E onde dentro de mim habita Agur, fascinado por esta entre todas as maravilhas, que não julgou nada mais misterioso do que o traço dessa maravilha, o traço invisível do pássaro pelo ar?

E no entanto existe a certeza de que caminhar, procurar e encontrar são uma parte dos segredos de Eros. Existe a certeza de que nas nossas trilhas feridas não somos apenas lançados para a frente, mas sempre atraídos por alguma coisa que parece nos aguardar e permanece encoberta. Existe um certo anseio, uma curiosidade

¹ Em francês no original: “je me souviens des paroles d'Agur, fils d'Jaké, et des choses qu'il déclare les plus incompréhensibles et les plus merveilleuses: la trace de l'oiseau dans l'air et la trace de l'homme dans la vierge”.

amorosa em nossa caminhada adiante, mesmo se buscamos a solidão da floresta ou o silêncio dos altos montes, ou a praia deserta em que o rumor silencioso do mar desmancha como uma franja prateada. Alguma coisa muito doce se acrescenta a cada encontro solitário, seja o encontro com uma grande árvore isolada, seja o encontro com um animal da floresta que nos observa quieto e imóvel na escuridão. Tenho a impressão de que a pantomima erótica verdadeira e fundamental não é o abraço e sim o encontro. Em nenhum outro instante o sensível é tão espiritual e o espiritual tão sensível como no encontro. Eis aqui a atração de um pelo outro ainda livre do desejo, uma mistura ingênua de confiança e timidez. Eis aqui o espírito dos cervos, dos pássaros, o ar impassível dos animais, a pureza angelical, a divindade. Uma saudação não possui fronteiras. Dante remete sua Vita Nuova a uma saudação feita a ele. É maravilhoso o clamor de um grande pássaro na aurora, o som raro, solitário e anterior ao mundo, no abeto mais alto, que a galinha ouve em um lugar incerto. Esse lugar incerto, esse indeterminado que é ansiado com tanta paixão, esse clamor do estranho na busca pelo estranho é o elemento poderoso. O encontro promete mais do que o abraço pode guardar. Se me for permitido dizer, ele parece pertencer a uma ordem superior que faz mover as estrelas e fecundar entre si os pensamentos. Mas para uma fantasia muito ousada, muito ingênua, na qual a inocência e o cinismo estão mesclados sem distinção, o encontro é a antecipação do abraço. Esse é o olhar que pastores lançam a uma deusa que subitamente surge à sua frente, e no olhar da deusa havia algo que acendia uma chama no olhar opaco do pastor. E Agur estava certo, caso fosse um rei ou um grande xeique no deserto, um mercador sábio e suntuoso ou um marinheiro em meio a marinheiros – ele estava certo ao entrelaçar, quando encerrava o seu dia, sentado à sombra de sua sabedoria e experiência, aquelas duas maravilhas com as palavras em sua boca: o segredo do abraço e o segredo do voo. Mas quem é Agur, que vive dentro de mim com a sua palavra viva? Serei mesmo incapaz de enxergar o seu rosto? Suas experiências são ricas e diversas, a voz das suas palavras é a voz da experiência, e no entanto é livre. Ele não se faz passar por um pregador, deixa escapar vez ou outra alguma palavra que afunda no ouvido de quem o escuta com o seu peso e riqueza. Eu o imagino como Boas, que possuía uma bela barba branca e uma face corada, vestia-se com um linho delgado e em cujos milharais as respigadeiras não enfrentavam impedimentos. Mas eu não teria visto o seu rosto? Sem dúvida, em um sonho sem vozes, e aquele cujo rosto eu vi não possuía um nome. Mas agora parece-me que ele era aquele Agur, e eu devo passar as palavras que a minha própria caligrafia transmitiu para a boca daquele que me aparecia em sonho e era retratado como um patriarca entre os patriarcas, rei de um povo nômade vigoroso e sem nome.

Este era o sonho. Eu estava deitado, cansado de uma longa caminhada pelas montanhas. Era verão, próximo ao final do verão, e quando uma tempestade fez

bater a porta do terraço no meio da noite e as águas do lago chocavam-se com força contra o parapeito, eu disse quase dormindo para mim mesmo: “são as tempestades de outono”. E atravessou-me entre o sono e a vigília um sentimento de indescritível felicidade pela imensidão do mundo (com seus montes, vales e lagos semiluzidos sobre os quais agora bramia a tempestade). Submergi nesse sentimento como em uma onda mansa e escura, e logo estava no meio do sonho, eu estava lá fora e lá no alto, na luz baixa da noite esmaecida, na tempestade, na larga encosta de uma grande montanha. Mas era mais do que uma encosta de montanha, era uma paisagem assombrosa, era - eu não podia ver, mas sabia - a borda de um planalto gigantesco com a forma de um terraço, era a Ásia. E ao meu redor, mais forte do que a tempestade, preenchendo a tênue luz da noite com uma inquietação poderosa, havia uma enorme retirada. Ao meu redor havia um povo inteiro, e todo esse povo ocupava-se no escuro em desmontar suas tendas e carregar seus pertences nos animais de carga. Perto de mim havia grupos de homens calados, eles carregavam camelos e outros animais às pressas; mas a escuridão era profunda. Fui também até uma tenda que não havia sido desmontada. Eu estava sozinho na tenda, arranquei suas estacas da terra e sob a luz fraca vi o portentoso trabalho que adornava o debrum da tenda: um ornamento requintado de fitas de couro marrom escuro, costuradas por um couro claro de tons naturais. Ao meu redor a agitação sufocada daquela enorme retirada não cessava, eu sentia que tudo aquilo acontecia pela força da ordem, de uma ordem que não recebia contestação. E eu logo soube que a tenda em que eu trabalhava era parte da tenda dele, da tenda daquele que ordenara a retirada, de quem todas as ordens haviam partido. E como somente pudesse ser daquela maneira, montei em uma pilha de vários mantos para muares, pus de lado algumas coisas na parede da tenda e olhei para dentro da tenda principal. Aos poucos eu enxergava melhor, e ao final com nitidez. Na tenda não havia mobília ou adereços, somente paredes escuras. Em um dos lados, numa larga manta, uma manta vermelha-escura ou violeta, estava uma moça jovem de pele opaca e escura, de opacidade e beleza indescritíveis, de cujos braços soltava-se um homem, um homem grande e seco, e que passou perto dos meus olhos e cruzou a tenda vazia até a parede oposta. A jovem - que não portava nada além de largos braceletes - ergueu silenciosamente os braços na sua direção, como se quisesse chamá-lo de volta, mas ele não se virava para ela. Eu também enxergava o seu rosto com dificuldade, mas sabia que ele era velho, velho e forte, com uma barba convoluta e repartida, e um turbante castanho sobre a cabeça. Mas o seu corpo tão esguio, despido até a cintura, seus braços longos e finos, eram de um homem muito jovem e de grande destreza e ousadia. Do seu quadril pendia um longo avental do amarelo mais indescritível. Quero reconhecer novamente esse tom de amarelo, quando e onde ele um dia me surgir outra vez diante dos olhos. Era mais imponente do que o amarelo dos ladrilhos persas, mais radiante do que o

amarelo das tulipas amarelas. Agora ele estava diante da parede da tenda, da parede mais escura, e ali rasgou uma cortina e fez aparecer uma grande janela. O vento correu para dentro, lançando para trás a sua barba branca repartida sobre os ombros magros e pardos. A bela moça ergueu-se numa súplica e parecia chamá-lo pelo nome de maneira carinhosa, mas o vento não fez o som chegar até mim. Eu somente o enxergava, e enxergava a janela rasgada por ele na parede da tenda: lá fora havia a noite semiluzida, as terras de montanhas a perder de vista e um povo inteiro em retirada. E a sua presença imóvel no recorte quadrado da tenda, elevada acima de todas as tendas, despertou um tumulto selvagem em toda a retirada, e até mesmo as nuvens pareciam fugir mais velozes sob a lua pálida acima das montanhas. Este homem e nenhum outro era Agur.

Die Wege und die Begegnungen

Hugo von Hofmannsthal

Der Flug der Vögel ist wundervoll in diesen strahlenden Tagen, und ich begreife vollkommen, daß ich diese Zeilen einmal aufgeschrieben habe: *je me souviens des paroles d'Agur, fils d'Jaké, et des choses qu'il déclare les plus incompréhensibles et les plus merveilleuses: la trace de l'oiseau dans l'air et la trace de l'homme dans la vierge*. Diese Zeilen stehen, mit Bleistift an den Rand geschrieben, mitten in einem Reisebuch, und ich fand sie vor drei Tagen, als ich danach suchte, ob es eine Straße gebe, wenn man vom Meer herauf nach Urbino gekommen sei, dann von dort zu Wagen übers Gebirg nach Assisi oder an den Trasimenischen See zu gehen. Ich sehe, daß diese Zeilen von meiner Schrift sind, sie sind zittrig geschrieben, vielleicht im Wagen, vielleicht in der Bahn; aber kein Nachdenken bringt mich darauf, woher sie stammen. Aus einem ältern französischen Buch vermutlich. Aber hätte ich damals in Umbrien in fremdartigen, seltenen Büchern gelesen? Ich weiß nichts davon. Wer ist Agur? Und wer ist der Redende, der sich Agurs entsinnt? Und dennoch habe ich dies geschrieben, und nun ist alles andre verloschen, und nur dies ragt herauf. Und irgendwo in mir, bei den Dingen, die ich erlebt habe, bevor ich drei Jahre alt war, und von denen mein waches Erinnern nie etwas gewußt hat, bei den Geheimnissen meiner dunkelsten Träume, bei den Gedanken, die ich hinten meinem eigenen Rücken je gedacht habe, wohnt nun dieser Agur – und wird vielleicht eines Tages herauf steigen wie ein Toter aus einem Gewölbe, wie ein Mörder aus einer Falltür, und sein Wiederkommen wird seltsam sein, aber nicht seltsamer eigentlich als vorgestern nachmittags das Hereinstürzen der zurückgekehrten jungen Schwalbe, durch die Luft, durch die halboffene Haustür, ins alte Nest, einschlagend wie ein dunkler Blitz. Und eine Minute darauf, wie ein zweiter dunkler Blitz, aus dem Scheitelpunkt des Äthers, nachschlagend dem ersten, kam das Weibchen, die junge Schwester, und jetzt die Frau. Denn es sind Geschwister, ausgebrütet im vorigen Sommer in diesem Nest hinter unsrer Haustür. Wie wußten sie den Weg, herabfahrend aus der Unendlichkeit der Himmel? Wie wußten sie unter den Ländern dieses Land, unter den Tälern dies kleine Tal, unter den Häusern dieses Haus? Und wo in mir wohnt Agur, der dieses Wunder anstaunte über allen Wundern, und nichts geheimnisvoller fand als die Spur dieses Wunders, die unsichtbare Spur des Vogels in der Luft?

Aber es ist sicher, daß das Gehen und das Suchen und das Begegnen irgendwie zu den Geheimnissen des Eros gehören. Es ist sicher, daß wir auf unsrem gewundenen Wege nicht bloß von unsren Taten nach vorwärts gestoßen werden, sondern immer gelockt von etwas, das scheinbar immer irgendwo auf uns wartet und immer verhüllt ist. Es ist etwas von Liebesbegier, von Neugierde der Liebe in unsrem

Vorwärtsgehen, auch dann, wenn wir die Einsamkeit des Waldes suchen, oder die Stille der hohen Berge, oder einen leeren Strand, an dem wie eine silberne Franse das Meer leise rauschend zergeht. Allen einsamen Begegnungen ist etwas sehr Süßes beigemischt, und wäre es nur die Begegnung mit einem einsam stehenden großen Baum, oder die Begegnung mit einem Tier des Waldes, das lautlos anhält und aus dem Dunkel her auf uns äugt. Mich dünkt, es ist nicht die Umarmung, sondern die Begegnung die eigentliche entscheidende erotische Pantomime. Es ist in keinem Augenblick das Sinnliche so seelenhaft, das Seelenhafte so sinnlich, als in der Begegnung. Hier ist ein Zueinandertrachten noch ohne Begierde, eine naive Beimischung von Zutraulichkeit und Scheu. Hier ist das Rehhaftere, das Vogelhaftere, das Tierischdumpfe, das Engelsreine, das Göttliche. Ein Gruß ist etwas Grenzenloses. Dante datiert sein »Neues Leben« von einem Gruß, der ihm zuteil geworden. Wunderbar ist der Schrei des großen Vogels, der seltsame, einsame, vorweltliche Laut im Morgenrauen von der höchsten Tanne, dem irgendwo die Henne lauscht. Dies Irgendwo, dies Unbestimmte und doch leidenschaftlich Begehrende, dies Schreien des Fremden nach der Fremden ist das Gewaltige. Die Begegnung verspricht mehr, als die Umarmung halten kann. Sie scheint, wenn ich so sagen darf, einer höheren Ordnung der Dinge anzugehören, jener, nach der die Sterne sich bewegen und die Gedanken einander befruchten. Aber für eine sehr kühne, sehr naive Phantasie, in der Unschuld und Zynismus sich unlösbar vermengen, ist die Begegnung schon die Vorwegnahme der Umarmung. Solche Blicke hefteten die Hirten auf eine Göttin, die plötzlich vor ihnen stand, und es war etwas in dem Blick der Göttin, woran der dumpfe Blick des Hirten sich entzündete. Und Agur hat recht, wenn er ein König war oder ein großer Scheich in der Wüste, ein weiser und prunkvoller Kaufmann oder ein Seefahrer unter den Seefahrern – er hat recht, daß er am Abend seiner Tage, sitzend im Schatten seiner Weisheit und Erfahrung, jene beiden Wunder in der Rede seines Mundes in eines verflucht: das Geheimnis der Umarmung und das Geheimnis des Fluges. Aber wer ist Agur, der in mir lebt mit seiner lebendigen Rede? Soll ich wirklich in mir sein Gesicht nicht sehen können? Seine Erfahrungen sind reich und üppig, der Ton seiner Rede ist der Ton des Erfahrenen, aber lässig. Er verschmäht es, den Prediger zu machen, sondern läßt nur dann und wann ein Wort fallen, das reich und schwer ins Ohr des Hörers sinkt. Wie Boas muß ich ihn denken, der einen schönen weißen Bart hatte, und ein gebräuntes Gesicht, der gekleidet ging in ein feines Linnen, und auf dessen Kornfeldern den Armen nicht verwehrt war, die Ähren zu lesen. Aber habe ich nicht einmal sein Gesicht gesehen? Freilich, nur im stummen Traum, und der, dessen Gesicht ich sah, hatte keinen Namen. Aber nun dünkt mich, das war jener Agur, und ich muß die Rede, die meine eigene Handschrift mir überliefert, in den Mund dessen legen, von dem mir einmal träumte, und der, wie der Traum ihn malte, ein Patriarch

war unter den Patriarchen, ein König über ein namenloses gewaltiges Volk von Wandernden.

Dies war der Traum. Ich lag und war müde von einem weiten Weg über Berge. Es war noch Sommer, aber gegen Ende des Sommers, und als mitten in der Nacht ein Sturm die Balkontür aufriß und der See heftig rauschend gegen die Pfähle schlug, sagte ich mir, halb im Schlaf: »Das sind die Herbststürme.« Und zwischen Schlaf und Wachen durchfloß mich ein unbeschreibliches Glücksgefühl über die Weite der Welt (über deren halberleuchtete Berge und Täler und Seen jetzt der Sturm hinbrauste). In dieses Gefühl versank ich wie in eine weiche dunkle Welle und war sogleich mitten im Traum und war draußen und droben, in der halberleuchteten fahlen Nacht, im Sturm, auf dem weiten Abhang eines großen Berges. Aber es war mehr als der Abhang eines Berges, es war eine ungeheure Landschaft, es war – dies konnte ich nicht sehen, sondern ich wußte es – der terrassenförmige Rand eines gigantischen Hochlandes, es war Asien. Und um mich war, gewaltiger als der Sturm, und die fahle, halberleuchtete Nacht mit großmächtiger Unruhe erfüllend, ein ungeheurer Aufbruch. Ein ganzes Volk war um mich, und das ganze Volk war im Dunkel geschäftig, seine Zelte abzurechen und seine Habe auf Packtiere zu laden. Ganz nahe von mir waren Gruppen stummer Menschen, hastig beluden sie Kamele und andere Tiere; aber es war sehr finster. Ich legte auch mit Hand an bei einem Zelt, das noch nicht abgebrochen war. Ich war allein in dem Zelt, riß die Zeltpflöcke aus der Erde, und bei einem halben Licht sah ich die prachtvolle Arbeit, die den untern Saum des Zeltes schmückte: ein sehr künstliches Ornament, aus dunkelbraunen Lederstreifen aufgenäht auf ganz hellem, naturfarbenem Leder. Immerfort war um mich die dumpfe Bewegung des ungeheuren Aufbruches, ich fühlte, wie alles unter der Gewalt des Befehles geschah, eines Befehles, gegen den es keinen Widerspruch gab. Und ohne weitere wußte ich, daß das Zelt, an dem ich arbeitete, ein Teil von seinem Zelte war, von dem Zelte dessen, der den Aufbruch befohlen hatte, und von dem alle Befehle kamen. Und als müßte es so sein, stieg ich auf einen Klumpen übereinandergelegter Decken der Maultiere, schob irgend etwas in der Zeltwand auseinander und sah hinein in das Hauptzelt. Es war finstrier darin als dort, wo ich stand. Erst allmählich konnte ich sehen, dann aber ganz deutlich. Das Zelt war ohne Möbel oder Schmuck, nur die dunklen Wände. An der einen Seite lagen auf einer großen Decke, auf einer dunkelroten oder rotvioletten Decke... lag ein junges Weib von dunkler Blässe, von einer unbeschreiblichen dunklen Blässe und Schönheit, aus deren Armen ein Mann sich löste, ein großer, hagerer Mann, aufstand und dicht vor meinen Augen vorüberging durch das leere Zelt an die entgegengesetzte Wand. Die Junge – sie trug nichts als breite Armreifen – hob stumm die Arme nach ihm, wie um ihn zurückzurufen, aber er sah sich nicht nach ihr um. Auch ich hatte sein Gesicht kaum gesehen, aber ich wußte, daß er alt war, alt und gewaltig, mit einem

zweigeteilten wehenden Bart, um den Kopf einen erdfarbenen Turban. Aber sein sehr schlanker Körper, nackt bis zum Gürtel, seine langen dünnen Arme waren wie die eines jungen Mannes, voll Leichtigkeit und Kühnheit. Von der Hüfte hing ihm ein langer Schurz von dem unbeschreiblichsten Gelb. Ich will den Ton dieses Gelb wiedererkennen, wo und wann immer es mir wieder vor die Augen käme. Es war herrlicher als das Gelb auf alten persischen Kacheln, strahlender als das Gelb der gelben Tulpe. Jetzt war er an der Zeltwand gegenüber, der dunkelsten, und riß dort einen Vorhang auf, daß ein großes Fenster entstand. Der Wind wehte herein und warf seinen zweigeteilten weißen Bart über seine erdbraunen mageren Schultern nach rückwärts. Die schöne Frau hob sich bittend auf und schien ihn zärtlich beim Namen zu rufen, aber die Luft trug mir den Laut nicht zu. Ich sah nur ihn und sah durch das Fenster, das er in die Zeltwand gerissen hatte, hinaus: da war draußen die halberleuchtete Nacht, das unabsehbar gestufte Bergland und der stumme Aufbruch eines ganzen Volkes. Und sein bloßes Dastehen an dem viereckigen Ausschnitt des Zeltes, das über alle Zelte erhöht war, brachte einen stummen, wilden Tumult in den ganzen Aufbruch, und selbst die Wolken schienen schneller unter dem ziemlich bleichen Mond über das Bergland hinzujagen. Dieser Mann und kein anderer war Agur.